



¹ Alfredo Magalhães Ramalho é Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (1968/72). Tem o Curso de especialização em Ciências Documentais da Faculdade de Letras de Lisboa, vertente de arquivos (1988/89). É Magistrado judicial; Jurista no INA - Instituto Nacional de Administração, em Oeiras; Jurista na Sociedade de Investimento das Ilhas, em Macau e Documentalista no GDE - Gabinete de Direito Europeu do Ministério da Justiça, no departamento de espólios da Biblioteca Nacional. Desde Janeiro de 1991, é Director Executivo da Biblioteca Universitária João Paulo II da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

A Universidade Católica é uma realidade ricamente multifacetada e - mesmo quem julga conhecê-la bem – acaba sempre por descobrir novidades insuspeitadas. Por exemplo: sabia que a Universidade Católica está entre as "Instituições Culturais" que são consideradas "sócias fundadoras" da Associação Casa Veva de Lima?

Veva de Lima é o pseudónimo literário de Genoveva Lima Mayer, mulher de Rui Ulrich, professor e financeiro de reconhecido mérito - que acidentalmente foi um brilhante embaixador de Portugal junto do Reino Unido - e mãe de Maria Ulrich, a fundadora da famosa escola de educadoras infantis.



Veva de Lima

Veva era filha de Carlos Lima Mayer, um dos Vencidos da Vida, e terá herdado do pai a "verve" e o espírito brilhante, bem como o gosto e a tendência literária. Era uma senhora bonita e interessante, teve uma educação cuidada que a ajudou a desenvolver os talentos intelectuais e artísticos com que a Natureza a dotou, apreciava o convívio social e não achava desagradável ser o centro das atenções.

A sua personalidade fortemente vincada aliava ao interesse real pelas coisas do espírito, da arte e da cultura um entusiasmo generoso por causas várias, desde as de tipo

político até às da natureza social, como a do apoio às famílias das vítimas da primeira Grande Guerra ou a convicção de que a educação das classes desfavorecidas seria a principal e mais segura via para o seu desenvolvimento social.

Usava, por isso, como animais emblemáticos o cisne e a borboleta, a elegância e o efémero, a fascinação pelas causas generosas e o conseqüente risco de - por se viver demasiadamente perto do fogo - se queimarem as asas!

Em tudo o que empreendia e fazia, punha um toque de fantasia, exuberante e criadora, tendo uma arte consumada para gerar à sua volta um ambiente requintadamente excêntrico, que conseguia raiar o extravagante sem nunca perder a qualidade e se tornar vulgar.



Rui Ulrich

O marido admirava-a deslumbradamente e - sendo um homem intelectualmente brilhante mas tímido - sentiu que ela poderia ser o complemento exacto e certo para a imagem social de que ele profissionalmente necessitava e, por isso, apoiou decididamente a forma extravagante e mesmo espalhafatosa com que ela pretendeu marcar a vida social e cultural de Lisboa e assim - embora literariamente não fosse uma figura de primeira grandeza - conseguiu nos anos 30/40 criar em sua casa um dos últimos grandes *salons* literários e sociais de Lisboa.

Maria Ulrich, a sua filha, era o contrário da Mãe, menos bonita mas com uma inteligência muito mais profunda e intelectualizada, mais preocupada com questões sociais sérias do que com brilhos mundanos mas, tal como o pai, tinha pela mãe uma admiração quase religiosamente respeitosa.



Maria Ulrich

Quando a Veva (que, como todos os Mayers, tinha um temperamento emocional, que facilmente podia cair em excessos menos equilibrados) entrou em depressão permanente, por causa da recusa de estar a envelhecer, a Maria preservou os serões da Mãe, até como forma de a estimular e ajudar a manter-se intelectualmente activa e, por isso - conservando a casa exactamente como ela a tinha nos seus tempos áureos - continuou o seu hábito de organizar serões sociais com conteúdo também cultural, mas dando a esses serões um tom já diferente, passando suavemente do estilo meramente literário e musical a abranger além disso debates sobre educação, política, economia e a sociedade em geral. E, naturalmente, o hábito perdurou mesmo depois da morte da Mãe.

À medida que a idade avançava, filha única e solteira, sem filhos nem sequer sobrinhos, considerou que era pena deixar perder o património realmente único que a Casa e a sua vivência constituíam e fez um acordo com o Dr. Nuno Abecassis, então Presidente da Câmara Municipal, e esta comprou a casa (de que a família Ulrich não era proprietária, mas apenas arrendatária há muitos anos) e passou a encarregar-se da sua manutenção. Maria doou a grande maioria do recheio e, em conjunto, criaram esta associação mista (sócios particulares e a Câmara Municipal), com o objectivo de continuar a fazer os ditos serões e manter o em tempos famoso *salon* da Veva. Complementarmente, e com o objectivo de garantir a sua inserção no ambiente cultural lisboeta contemporâneo, previram uma categoria de sócios, a que chamaram "culturais", constituída por academias, universidades e

outras instituições ligadas à cultura – e é nesse grupo que a Universidade Católica muito honrosamente se integra.



O projecto, embora com alguns naturais altos e baixos, tem-se mostrado viável, e 4ª feira sim, 4ª feira não, de Outubro a Junho, continuam os ditos "serões": primeiro um simpatiquíssimo jantar de sócios e pessoas por eles convidadas (muitas das quais ficam como "convivas" autónomos, que podem trazer os seus próprios convidados e mais tarde acabam por se tornar também sócios). A partir do café, a sessão torna-se pública, embora de acesso naturalmente controlado e qualquer pessoa que saiba do evento pode aparecer e participar gratuitamente no serão, que consta de concerto ou palestra, seguida de debate. Tudo isto se passa no ambiente único da Casa, com a sua colecção de curiosidades – móveis, quadros, esculturas, tapeçarias, loiças e prataria - alguns preciosos, outros nem tanto, mas valendo pelo conjunto heteróclito que constituem, e a que o tal toque de originalidade e extravagância dá um carácter realmente único.



Único é também o grupo dos frequentadores, pois a genialidade da ideia dos Fundadores foi justamente conseguir aliar a continuidade dos amigos da família com o

acolhimento de pessoas de diferentes idades e diversos campos de interesse, garantindo assim a vivacidade do intercâmbio social e cultural que sempre foi tradicional naquela família e naquela Casa.

São estes três factores: a originalidade rica do ambiente, a variedade e graça das pessoas que ali se reúnem e o interesse dos temas que lá são tratados e debatidos, que dão à Associação um carácter único, e fazem dela uma realidade cultural única no panorama lisboeta. Não se trata de uma casa-museu, onde se preserva uma colecção de objectos inanimados, mas sim de uma Casa que consegue manter uma alma própria, apesar do Tempo e mesmo depois da morte dos seus proprietários originais.

Este toque proustiano está bem patente e é isso que surpreende e cativa quem pela primeira vez lá vai. Como conseguiu um ambiente destes sobreviver e manter-se vivo? Não vale a pena tentar explicar – só se entende indo lá e participando - e todos os leitores da *Gaudium Sciendi* estão convidados e serão muito bem vindos!



N.B. As ilustrações deste artigo são da responsabilidade do autor.